



Três acepções da palavra “inconsciente” no quadro da Teoria da Sedução Generalizada

Jean Laplanche, Paris*

A Situação Antropológica Fundamental é apresentada como base da mensagem enigmática do outro e sua tradução, através da Teoria da Sedução Generalizada. A partir daí, a palavra inconsciente pode corresponder a três acepções: o inconsciente no sentido freudiano (o recalcado), com resíduos imperfeitos de tradução da mensagem; o inconsciente encravado, constituído de mensagens não traduzidas, correspondendo à parte psicótica da mente e o pseudo-inconsciente do mito-simbólico, sem lugar no interior do aparelho psíquico.

* Membro da Associação Psicanalítica da França.





I – A Teoria da Sedução Generalizada e a Situação Antropológica Fundamental

I – 1. A Teoria da Sedução Generalizada origina-se na teoria da sedução de Freud, ao mesmo tempo que a generaliza. A teoria freudiana dos anos 1896-1897 explicava bem a noção de recalçamento, mas dentro dos limites de uma situação contingente, restrita: limitava-se ao domínio da psicopatologia. Para empregar uma fórmula rápida: “a filha neurótica, pai perverso”. Para reformá-la generalizando-a, em vez de abandoná-la na famosa carta de 21 de setembro de 1897, faltavam a Freud diversos elementos. Faltavam-lhe as noções de perversidade polimorfa e de *sexualidade generalizada*, tal como vai descrevê-la nos *Três Ensaios* de 1905. Faltava-lhe ainda ter teorizado a fundo a noção de *tradução* como motor do recalçamento. A noção de tradução é coerente com a concepção do ser humano como ser de linguagem e de comunicação e vem proveitosamente se substituir aos esquemas mecânicos utilizados na teoria clássica do recalçamento.

I – 2. A Teoria da Sedução Generalizada quer explicar a gênese do aparelho psíquico sexual do ser humano a partir da relação inter-humana e não a partir de origens biológicas. O aparelho psíquico do ser humano é, antes de tudo, consagrado à pulsão, à pulsão sexual (de vida e de morte). As montagens *instintuais* somáticas não são recusadas, mas não encontram seu lugar nas origens da sexualidade infantil, nem na gênese do inconsciente recalçado.

I – 3. A sedução não é uma relação contingente, patológica (mesmo se, por vezes, pode sê-lo), episódica. Funda-se sobre a situação à qual nenhum ser humano pode escapar, a que chamo de Situação Antropológica Fundamental. Esta situação é a relação adulto-criancinha, adulto-*infans*¹. Adulto que possui um inconsciente tal qual a psicanálise o descobriu, um inconsciente sexual, essencialmente feito de resíduos infantis, um inconsciente perverso, no sentido dos *Três Ensaios*. E criança que não tem ativadores hormonais da sexualidade e que, no início, não tem fantasmas sexuais. A idéia de uma sexualidade infantil endógena foi criticada em profundidade e não somente por mim, mas uma tal crítica não pode terminar por negar a sexualidade infantil em geral, ou por englobá-la numa teoria de vagos contornos.

I – 4. Como situar aqui as contribuições da psicologia moderna da primeira infância? Graças à observação recente, há muito a acrescentar. Sobretudo o desenvolvimento considerável do que Freud chamava, em outros tempos, de *autoconservação*. Ora, a autoconservação freudiana nos reaparece com o “apego” e com todos

1. Criança que ainda não fala. (N.doT.)





os desenvolvimentos e observações em torno deste tema. Sobre uma base genética instintual, evidente, desenvolve-se bem cedo, e mesmo imediatamente, um diálogo, uma comunicação adulto-*infans*. A velha teoria da “simbiose” (um estado do qual se sairia não se sabe como) esvanece-se graças à observação das relações precoces organizadas, diferenciadas, imediatamente recíprocas, nas quais o não-eu é imediatamente distinguido do que é da alçada pessoal.

Mas o que falta à teoria e às observações do apego é levar em conta a *dissimetria* no plano sexual. Falta-lhe a insistência sobre o fato de que o diálogo adulto-*infans*, por mais recíproco que seja, é imediatamente *parasitado por outra coisa*. A mensagem é perturbada. Existe, da parte do adulto, num sentido unilateral, intervenção do inconsciente. Digamos mesmo do inconsciente *infantil* do adulto, na medida em que a situação adulto-*infans* é uma situação que reativa suas pulsões inconscientes infantis.

I – 5. Para enfatizar, coloquemos a questão: por que falar do adulto e de Situação Antropológica Fundamental? Por que não falar de situação familiar, ou até mesmo de situação edipiana fundamental? Porque a relação adulto-*infans* ultrapassa, em sua generalidade, em sua universalidade, a relação pais-criança. Pode haver Situação Antropológica Fundamental entre uma criança sem família e um meio de criação absolutamente não-familiar. Nesta Situação Antropológica Fundamental, os termos importantes são “comunicação” e “mensagem” – com esta idéia, sobre a qual gostaria de insistir: falando de mensagens adultas, não queremos dizer mensagens inconscientes. Toda mensagem é uma mensagem que se produz no plano consciente-preconsciente. Quando falo de mensagem enigmática, falo de mensagem “comprometida” pelo inconsciente. Caráter, então, comprometido da mensagem, e isto num sentido único no início, mesmo se uma reciprocidade se estabelece rapidamente em seguida, mesmo no plano sexual. Finalmente, o que conta nesta situação é o que faz o receptor, isto é, precisamente a tentativa de tradução e o necessário fracasso desta tentativa.

I – 6. Acrescentemos a isto uma observação sobre a questão da *opção biológica*. A Teoria da Sedução Generalizada e a Situação Antropológica Fundamental não implicam de modo algum uma tomada de posição contra a biologia. A nosso ver, todo processo humano é indissociavelmente biológico e psíquico. Mesmo o raciocínio matemático mais abstrato não pode se conceber sem correlato corporal biológico. Quando Freud abandona a teoria da sedução, na famosa carta do equinócio de 1897, ele não diz: “eu retorno ao biológico”, mas sim “eu retorno ao inato, ao hereditário”. Não diz de modo nenhum: “o fator biológico reconquista seu lugar”, porque este não tem nada a reconquistar. O biológico permanece sempre presente como o outro face ao psicológico. Em compensação, esta reconquista pelo hereditário anunciada por





Jean Laplanche

Freud, o retorno do fator inato, percorre toda a história do freudismo com algumas etapas dentre as quais só quero mencionar três: *os fantasmas originários*², *Totem e tabu*, *O homem Moisés e a religião monoteísta*³.

Para voltar ao “biológico”, este pode ser tanto adquirido quanto inato. É, portanto, o primado do hereditário que contestamos, no que concerne à sexualidade infantil. Digo precisamente *sexualidade e infantil*, entendendo por isso que há algo de hereditário e de inato *no que não é sexual* (autoconservação) e igualmente na sexualidade *que não é infantil* (a sexualidade gonádica adolescente). Existe, a meu ver, uma diferença fundamental entre a pulsão sexual da infância e o que ressurge no momento da *adolescência*, isto é, a aparição, efetivamente, do *instinto* sexual. O instinto sexual, neste momento, realça a pulsão de origem intersubjetiva que se desenvolveu de maneira autônoma durante longos anos, e então surge entre os dois um grave problema de coerência, de coesão.

Contestamos igualmente a noção de um *isso primordial* na origem da vida psíquica, idéia que vai no sentido diretamente oposto ao da novidade implicada na noção de pulsão, como processo sexual não adaptado (no homem) a uma finalidade preestabelecida. Se a noção de *isso* conserva um sentido, é o de caracterizar o inconsciente recalçado que, por sua alteridade, *se torna* verdadeiramente “alguma coisa em nós”, “um corpo estranho interno”, um “*isso*”.

II – Recalcamento originário, tradução, constituição do inconsciente e do aparelho psíquico em seu aspecto normal e neurótico⁴

II – 1. A Situação Antropológica Fundamental confronta, num diálogo simétrico/dissimétrico, um adulto que possui um inconsciente sexual (essencialmente pré-genital) e um *infans* que ainda não constituiu um inconsciente, nem a oposição inconsciente/pré-consciente. O inconsciente sexual do adulto é reativado na relação com a criança pequena, com o *infans*. As mensagens do adulto são mensagens pré-conscientes-conscientes, elas são necessariamente “*comprometidas*” (no sentido do retorno do recalçado) pela presença da “interferência” inconsciente. Estas mensagens são, então, *enigmáticas*, ao mesmo tempo para o emissor adulto e para o recep-

2. Nota do Revisor : Em português também traduzido como: protofantasias, fantasias primitivas ou fantasias originárias. Em alemão «*urphantasien*».

3. Nota do Revisor : na *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1974: ‘Moisés e o monoteísmo’, Vol XXIII.

4. Para toda esta parte, ver meu “Court traité de l’inconscient” (1993). In: *Entre séduction et inspiration, l’homme*, p.67-114 (“Curto tratado do inconsciente”, trad.bras.de M.Marques. *Jornal de Psicanálise da SBPSP*, vol.32, 1999, n°58/59).





tor *infans*.

Enquanto que, num diálogo normal (verbal ou não-verbal), existe um código comum e não há necessidade de tradução (ou que, então, esta é instantânea), na comunicação original, a mensagem adulta não pode ser captada em sua totalidade contraditória. Nela se misturam, por exemplo, no modelo típico da amamentação, amor e ódio, acalmia e excitação, leite e seio, seio “contínente” e seio excitado sexualmente, etc.

Os “códigos” inatos ou adquiridos de que o *infans* dispõe são, então, insuficientes para fazer face a esta mensagem enigmática. A criança deve recorrer a um novo código, ao mesmo tempo improvisado por ela e buscado nos esquemas fornecidos pelo meio cultural.

II – 2. A tradução da mensagem enigmática adulta não se faz em uma só vez, mas *em dois tempos*. O esquema em dois tempos é o mesmo do traumatismo: no primeiro tempo a mensagem é simplesmente inscrita, ou implantada, sem ser compreendida. Como se fosse mantida sob a camada fina da consciência ou “sob a pele”. Num segundo tempo a mensagem é revivificada do interior. Ela age como um corpo estranho interno que é preciso a todo preço integrar, controlar.

Trata-se, diz Freud, “... *de um tipo particular de experiências vividas, extremamente importantes, que se situam nos primeiros tempos da infância e que, em seu tempo, foram vividas sem compreensão, mas que a posteriori⁵ reencontraram compreensão e interpretação*”⁶.

II – 3. A tradução ou tentativa de tradução tem por função fundar, no aparelho psíquico, um nível *pré-consciente*. O pré-consciente – essencialmente o eu – corresponde à maneira pela qual o sujeito se constitui, se representa sua história. A tradução das mensagens do outro adulto é essencialmente uma historização mais ou menos coerente.

Mas, sendo a mensagem comprometida e incoerente, situada em dois planos incompatíveis, sua tradução é sempre imperfeita, deixando de lado *restos*. São estes restos que constituem, por oposição ao eu pré-consciente, o *inconsciente* no sentido *próprio*, no sentido freudiano do termo. É evidente que o inconsciente é marcado pelo *sexual*, já que tem sua origem no comprometimento da mensagem adulta pelo sexual. Mas não é de maneira alguma a cópia do inconsciente adulto, por causa do duplo “metabolismo” que o sexual sofreu neste percurso: deformação na mensagem comprometida no adulto e depois, na criança receptora, trabalho da tradução que remaneja completamente a mensagem implantada.

5. «*Nachträglich*», «*après coup*». (N. do T.).

6. S. Freud (1914): *Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten*. GW – X, p.129; S.E. – XII, p.149; (trad. bras. de P. C. de Souza, Recordar, Repetir e Elaborar. *Jornal de Psicanálise da SBPSP*, vol.27, n° 51, 1994).





Jean Laplanche

II – 4. As características típicas, indicadas pelo próprio Freud, para o inconsciente são as conseqüências diretas de sua origem no recalçamento:

1) *ausência de temporalidade*, já que ele é o que escapa, no processo do recalçamento, à constituição deste domínio do temporal que é o surgimento e o enriquecimento da personalidade pré-consciente;

2) *ausência de coordenação e de negação*, já que, precisamente, ele é aquilo que escapa à coordenação indispensável ao processo de tradução;

3) *o realismo* do inconsciente – correspondendo à “realidade psíquica” de Freud – é repudiado como escandaloso por um grande número de interpretações modernas. Este realismo é uma réplica à idéia de que o inconsciente é *um segundo sentido* subjacente ao sentido pré-consciente e “oficial” proposto pelo sujeito. Ao contrário, o inconsciente é aquilo que escapou a esta colocação em sentido que designo como tradução. Ele não é do domínio do sentido, mas constituído de significantes privados de seus contextos originais, logo, largamente privados de sentido e muito pouco ordenados entre si.

Para dizê-lo numa palavra, o inconsciente recalçado está na origem das *pulsões*, pulsões sexuais de vida e de morte, pulsões que podemos considerar (invertendo a famosa formulação de Freud) como uma “exigência de trabalho” imposta ao corpo por sua ligação com os significantes inconscientes recalçados.

III – O aspecto psicótico e borderline. O fracasso radical da tradução. O não-traduzido encravado

III – 1. O fracasso parcial da tradução explica o inconsciente “clássico”, neurótico-normal. A seu lado, convém conferir todo o seu lugar a um fracasso radical. Nada é traduzido, a mensagem original permanece tal qual no aparelho psíquico, implantada ou intrometida (Laplanche, 1990). Ele constitui, então, o que se poderia denominar de “inconsciente encravado”.⁷

Quais são as características e as causas de tal inconsciente?

III – 2. O inconsciente encravado não é correlativo de um pré-consciente. No psicótico há pouca ou nenhuma historização. O inconsciente encravado permanece, se podemos dizer, “à flor de consciência”. Ele é mantido por uma fina camada de

7. Christophe Desjours propõe o termo de “inconsciente amencial” que me é difícil aceitar, pois supõe que o recalçamento-tradução é um processo de mentalização a que não é submetido o inconsciente psicótico. Supõe também que as mensagens do outro não são “mentais”, mas que devem tornar-se “mentais”. Tenho dificuldade em fazer minha uma oposição ou mesmo uma dialética alma/corpo, mens/soma.





defesa consciente, funcionando segundo um modo aparentemente lógico, “operatório”. A modalidade principal desta defesa não é o recalçamento/tradução, mas a recusa (*Verleugnung*). Constata-se freqüentemente que a defesa (o raciocínio consciente) é como que o reflexo invertido do que é recusado. Apenas o “sinal da negação” os separa.

III – 3. Dentre as mensagens não traduzidas que constituem este inconsciente, destacamos particularmente mensagens superegóicas. Assinalei freqüentemente que o “imperativo categórico” é, por natureza, intraduzível em outra coisa que ele mesmo, impossível de metabolizar: “você deve porque deve” (Kant) e é impossível explicar isso por meio de uma justificação qualquer.

III – 4. Quais são as condições, as causas de um tal fracasso radical da tradução?

Estas condições são provavelmente múltiplas. Abri neste ponto uma pista de investigação que não posso ser o único a explorar, confiando a outros o cuidado de continuá-la, caso se mostre viável.

O fracasso da tradução pode ter por resultado especialmente uma transmissão tal qual, intergeracional, sem nenhuma metabolização. A questão do “intergeracional” seria a retomar perguntando-se quais são suas condições do ponto de vista da comunicação, do ponto de vista da estrutura mesma da mensagem, ou do ponto de vista do receptor desta transmissão. Muitos já se debruçaram sobre a questão: a pista e o quadro teórico foram propostos especialmente para psiquiatras confrontados, me parece, cada vez mais, a estes problemas. Existe mensagem quando esta não é mais comprometida, mas habitada, sem distância, pelo inconsciente? É isso mesmo possível? Existe mensagem quando esta veicula e impõe seu código, quando, então, impõe uma tradução que não é outra coisa senão a própria mensagem? Talvez, também, quando a mensagem é paradoxal? Qual é o uso possível da noção de paradoxo, se esta é utilizada com rigor?

Um livro como o de Tarelho (1999), *Paranóia e teoria da sedução generalizada*, abre vias interessantes neste sentido. Como o homem pode ser “possuído” por mensagens que não consegue traduzir? Para mim aí está uma interrogação de primeira importância colocada à psicopatologia psicanalítica.

IV – Em direção a uma teoria unificada do aparelho da alma

IV – 1. O modelo freudiano do aparelho da alma é um modelo neurótico-normal. Confrontados cada vez mais, em sua prática, a casos que se afastam largamente deste modelo (casos limites, psicoses, psicopatias, perversões), um grande número de teóricos pôs *de lado* a concepção freudiana, fundada no recalçamento e no incons-





Jean Laplanche

ciente, como reservada a um pequeníssimo número de casos. Construíram, então, *ao lado* do edifício freudiano, outros modelos, sem procurar guardar a unidade com o pensamento freudiano. Além disso, na maior parte do tempo, estes modelos são dessexualizados e não recorrem mais à noção de inconsciente. É como se, num outro registro, face a dois aspectos diferentes do mundo, fossem propostas duas cosmologias perfeitamente distintas e sem comunicação nenhuma entre elas.

IV – 2. Em que a teoria da sedução generalizada permite propor uma visão unitária, englobando os modelos ditos separados, neurótico/normal e psicótico/borderline?

a) Referindo-os a uma mesma base comum: a Situação Antropológica Fundamental e a hipótese tradutiva.

b) Lembrando-se que o estado não-traduzido, o inconsciente encravado, não é apanágio exclusivamente do fracasso radical da tradução. Efetivamente, é preciso lembrar-se, no modelo neurótico, que o processo tradutivo se produz sempre em *dois tempos*, o primeiro sendo o de uma latência da mensagem do outro, num estado não-traduzido, em espera, verdadeiro estado de inscrição “subconsciente”, sem ter ainda “encontrado compreensão e interpretação” (Freud, 1914). Existiria, então, não somente na criança, mas em todo ser humano, uma espécie de *estoque de mensagens não-traduzidas*: algumas praticamente impossíveis de traduzir, outras na espera provisória de tradução. Tradução que só pode ser provocada por uma reatualização, por uma reativação. O inconsciente dito encravado pode, então, ser um lugar de estagnação, mas também um lugar de espera, uma espécie de “purgatório” das mensagens que esperam.

IV – 3. É aqui que convém lembrar-se do que descreve Freud em seu artigo sobre a clivagem do eu: a existência lado a lado, no mesmo indivíduo, de dois mecanismos, o mecanismo neurótico do recalçamento e o mecanismo perverso ou psicótico da recusa.

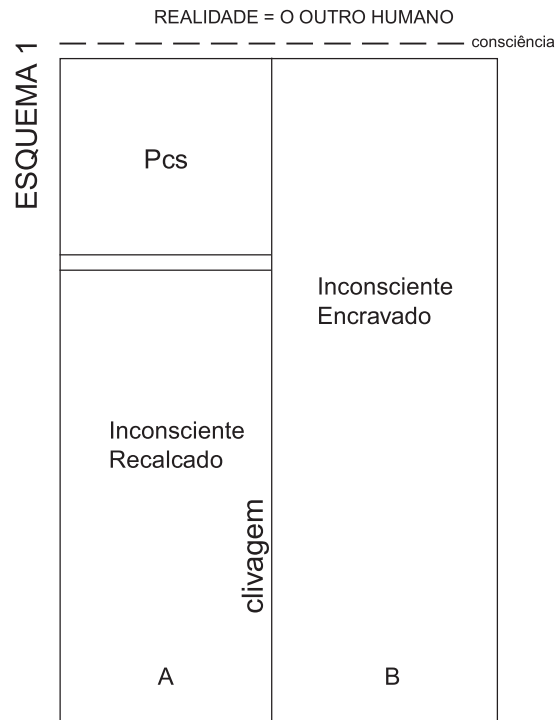
O que Freud descreve como estando presente somente em certos indivíduos, nós nos propomos, após Christophe Dejours (2001), a generalizar a todos os seres humanos.

O psiquismo de todo ser humano compreenderia, então, duas partes, ignorantes uma da outra, mas não sem passagens de uma a outra. Entre as duas partes, o limite é flutuante, de um indivíduo a outro, e, segundo os momentos da vida, num mesmo indivíduo. O limite da clivagem, limite vertical em relação à barreira “horizontal” do recalçamento, não é uma barreira de conflito, mas, como em Freud, a separação de dois “processos de defesa”. Além disso, este limite pode ser atravessado, por exemplo, quando se engaja um novo processo de tradução.





Três acepções da palavra "inconsciente" no quadro da Teoria da Sedução Generalizada



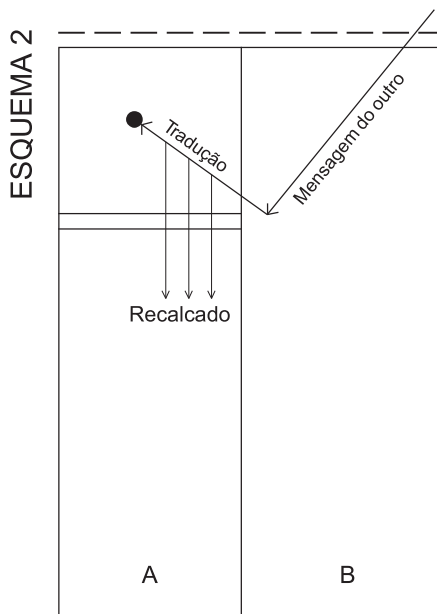
No caso do neurótico-normal, a parte A é muito mais larga do que B. E isso se inverte no não-neurótico. Mas, como sublinha Dejours (2001), em certas circunstâncias a parte direita pode ganhar: “*nenhum sujeito está totalmente ao abrigo da somatização, nem do delírio, mesmo se certas estruturas são mais protegidas do que outras*” (p.95).

IV – 4. No recalçamento, e especificamente no recalçamento originário, as mensagens do outro, provenientes da única realidade para o humano, *a realidade do outro*, vêm a) se inscrever, num primeiro momento, no inconsciente encravado ou subconsciente. b) São em seguida retomados, retraduzidos, e desde então repartidos entre uma tradução pré-consciente e restos inconscientes.





Jean Laplanche



IV – 5. Uma vez constituídas as duas partes A e B, como conciliar a idéia de um “desconhecimento recíproco” (Dejours, 2001, p.98) entre as duas partes separadas pela linha de clivagem e a possibilidade de um fenômeno de comunicação, de vasos comunicantes entre as duas partes? Remetemos aqui aos ricos desenvolvimentos de Christophe Dejours, que recorre ao que denomina de “zona de sensibilidade do inconsciente” (p.97) e, sobretudo, aos mecanismos de perlaboração pelo sonho.⁸

Para voltar a nosso modelo típico comum à neurose e à psicose, podemos afirmar que este possui o grande mérito de propor um quadro de referência para situar o duplo problema: a possibilidade de uma nova tradução de mensagens encravadas, particularmente na psicoterapia dos casos borderline ou psicóticos, e, inversamente, a possibilidade (mesmo se fraca) de uma descompensação delirante em qualquer ser humano.

Notemos ainda, num outro domínio, que a cura clássica dos neuróticos, por

8. Por meu lado, com e depois de outros autores, já tentei destacar esta função criativa do sonho, ao evocar o sonho não somente como expressão, mas como “marmita” do inconsciente. Marmita* de perlaboração e de neocriação do inconsciente sexual (cf. *Problématiques V: le baquet – transcendance du transfert*, p.197-210). A mesma intenção se encontra em meu artigo: *Rêve et communication/Faut-il réécrire le chapitre VII de Die Traumdeutung?*. In: *Le rêve dans la pratique psychanalytique*, coletivo. Dunod, 2003. * O autor emprega a palavra *creuset*, cuja tradução precisa é “cadinho” ou “crisol”, recipiente usado para fundir metais a altíssimas temperaturas. Como estas palavras parecem ser de pouca evocação metafórica na língua portuguesa (ao contrário do francês), optamos por “marmita”. (N. do T.).





sua ação maior de *destradução*, tem por efeito o enriquecimento temporário do estoque de mensagens a retraduzir, a re-simbolizar. O que é interpretado deveria, então, repassar pela parte B do esquema, antes de ser integrado a um pré-consciente mais rico.

V – Tradução e neocódigo. O mito-simbólico

V – 1. Confrontado às mensagens do adulto comprometidas pelo inconsciente, logo enigmáticas, intraduzíveis somente pelos meios dos códigos relacionais que tem a sua disposição (códigos autoconservativos), o *infans* deve recorrer a novos códigos. Mas ele não os inventa a partir de nada. Possui a seu alcance, muito cedo, por seu meio cultural geral (e não unicamente familiar), códigos, esquemas narrativos pré-formados. Poder-se-ia falar aqui de uma verdadeira “ajuda à tradução”⁹ proposta pela cultura ambiente.

V – 2. É aqui que intervém o que denominaremos o universo do “mito-simbólico”, nele incluindo tanto códigos (clássicos) como “complexo de Édipo”, “assassinato do pai” ou “complexo de castração”, quanto esquemas narrativos mais modernos, em parte aparentados aos precedentes, mas em parte inovadores.

O erro da psicanálise, em relação ao “mito-simbólico”, é duplo:

1) Querer incluir em meio às verdades que ela efetivamente descobriu (concernentes ao aparelho da alma e à situação intersubjetiva adulto-criança) e que são verdades “metapsicológicas”, os esquemas de narração, mais ou menos contingentes, que servem ao homem, numa situação cultural dada, para ordenar, para historizar seu destino. É o caso antes de tudo do “complexo de Édipo” que, por mais geral que seja (com numerosas variantes), não é uma característica do homem universal, não estando obrigatoriamente presente na Situação Antropológica Fundamental.

2) Ter querido, mais ou menos explicitamente, indexar os mitos sobre a evolução “psicossexual” do *indivíduo*. Geralmente enumeram-se de um só fôlego as “formações do inconsciente”: sintoma, ato falho, chiste, etc...e o mito.

Ora, os mitos não são uma produção e nem mesmo um decalque da evolução individual. Fazem parte do universo cultural, onde podem ser observados, descritos e eventualmente explicados.

Mas, em compensação, a psicanálise não deve baixar os braços quando se trata de dar conta da intervenção do “mito-simbólico” na constituição do aparelho

9. A idéia de “ajuda à tradução” foi proposta e desenvolvida por Francis Martens (Lanzarote, agosto de 2003).





Jean Laplanche

psíquico humano e mais precisamente no que dele é um motor fundamental, o modelo “tradutivo”.

V – 3. Entre os etnólogos, a descrição e a teorização dos mitos desdobraram-se há décadas, principalmente a partir do pensamento de Claude Lévi-Strauss (1962). A noção de código se torna cada vez mais pregnante. O mito age propondo um código, ou talvez uma pluralidade de códigos. Eles são conversíveis uns nos outros, a partir de esquemas lógicos simples. Cada um deles pode ser considerado como legível a partir dos outros, mas em si, sem esta leitura, permanece opaco. O sentido é latente, sem que se possa dizer, finalmente, que algum mito revele o sentido final, último.

Pode-se fazer, aos etnólogos, particularmente àqueles que estudam os mitos, duas objeções maiores :

1) anunciam a ambição de se denominarem “antropólogos” quando, mais frequentemente, se restringem a setores bem particulares da condição *humana*, – particularmente as “sociedades ditas primitivas” – deixando de lado as sociedades contemporâneas e seus próprios mitos bem específicos;¹⁰

2) outra limitação: restringem-se ao universo adulto, sem jamais se interrogarem sobre a maneira pela qual o pensamento mito-simbólico é comunicado ou proposto à criança e mesmo ao *infans*.

V – 4. Os etnólogos mais próximos da psicanálise frequentemente dela só retêm os aspectos que lhes convêm. Não o método associativo-dissociativo, que tem por campo de aplicação o tratamento psicanalítico individual, mas os aspectos mais próximos do simbolismo, sendo este concebido como de natureza finalmente universal. É nesse sentido restrito que estão prontos a falar de “inconsciente”, logo que descobrem uma legibilidade própria aos mitos, utilizando eventualmente “chaves” psicanalíticas, mas numa “leitura” que é reconhecida sem ter que vencer uma censura, nem um recalçamento e sem recorrer a outros meios que não os intelectuais.

Nisso se aproximam da maneira com que o próprio Freud descreve o domínio do simbolismo e do mito. Um domínio onde é legítimo ler “a livro aberto”, já que não há nenhuma necessidade do método *analítico* para a ele ter acesso.

Uma tal concepção da psicanálise não está tão distante assim da *Vulgata* atualmente em curso no que concerne ao “inconsciente”: tratar-se-ia de um *sentido oculto*, universal ou transindividual, ao qual se pode ter acesso sem esforços, desde que se seja um pouco informado. O Édipo e a castração fazem sucesso nos escritos, seja na “mídia” ou em trabalhos ditos mais especializados. O “realismo do inconsciente”, tal

10. Mitos modernos, como o do “proletariado” ou, mais próximo de nós, o da “star”, não têm nada a invejar em complexidade e em eficácia à *Gesta de Asdrual*.





qual pensamos encontrá-lo em Freud, cedeu lugar à universal legibilidade de alguns grandes esquemas míticos de compreensão.

No entanto, em Freud, o “método simbólico” não vem jamais se substituir ao método associativo individual: ele é um complemento deste. Que esta “complementaridade” pessoalmente não nos satisfaça e que possamos propor um outro modo de articulação entre os dois é o que vamos desenvolver.

V – 5. Longe de nós a idéia de recusar a noção de implícito (que outros chamariam talvez de “inconsciente”) no domínio do mito-simbólico. Os mitos se interpretam uns em relação aos outros, assim como os símbolos.¹¹ Trata-se de uma reversibilidade universal como por vezes parece pensar Lévi-Strauss (1985) – caso em que não haveria interpretação última – ou bem o conjunto dos mitos permite pôr a descoberto estruturas gerais, estruturas de ordenação com referência, por exemplo, à oposição continente/conteúdo (*La potière jalouse*), à noção de “terceridade”, etc.

Assim a concepção do inconsciente recalcado individual, tal como a mantenho, não exclui de modo algum a necessidade de levar em consideração, ao seu lado, a noção de *implícito*, pela qual o inconsciente freudiano é indevidamente substituído por muitos autores. Qualquer que seja a concepção que nos façamos da superposição de diferentes códigos num enredo mítico, que se admita ou não uma hierarquia destes níveis, resta que convém dar lugar, não a um *outro* inconsciente, mas a uma outra espécie de latência, a que existe notadamente nas produções culturais coletivas. Esta latência é da ordem do implícito: o movimento de sua leitura é o da explicitação (*Auslegung*), um trabalho que não exige vencer resistências.

V – 6. O que, em todo caso, é decisivo para nós é a maneira pela qual estas estruturas narrativas coletivas – quaisquer que sejam seus níveis de generalidade ou, inversamente, seus aspectos concretos e mesmo episódicos – se *inscrevem no esquema* do aparelho psíquico.

Contra a opinião geralmente admitida por muitos, e mesmo por Freud, que vê na relação edipiana o próprio “núcleo” do inconsciente, é preciso situar tais estruturas *não do lado do recalcado, mas do lado do recalcante*; não do lado do sexual primário, mas do lado do que vem ordená-lo e, finalmente, dessexualizá-lo, em nome da aliança, da procriação, etc. Nada de menos sexual (no sentido originário dos *Três Ensaíos*) que o mito de Édipo e a tragédia de Sófocles. Nada que nos fale menos do gozo sexual, para não falar da busca de excitação.

Os grandes esquemas narrativos transmitidos e depois modificados pela cultura vêm ajudar o pequeno sujeito humano a tratar, isto é, a ligar e simbolizar, ou ainda,

11. Lacan nota que nada se opõe, num sonho, a que um pênis do conteúdo manifesto remeta a um guarda-chuva no conteúdo latente, tanto quanto o inverso. (*Écrits*. Seuil, p.709, trad. bras. In: *Escritos*. J. Zahar, 1998, p.716).





Jean Laplanche

a traduzir as mensagens enigmáticas traumatizantes que lhe vêm do adulto. Uma ligação evidentemente indispensável ao tornar-se humano do homem.

Conclusão

Referir-se à Situação Antropológica Fundamental é levar em consideração ao mais alto grau a mensagem enigmática do outro e sua tradução.

A partir daí, a palavra “inconsciente” pode encontrar três acepções que correspondem a três elementos referidos a um mesmo esquema do aparelho da alma:

1) O inconsciente, no sentido próprio, freudiano, só pode ser o *recalcado*, isto é, em nossos termos, o resíduo da tradução, sempre imperfeita, da mensagem. A ele se opõe um eu pré-consciente que é o domínio onde se constitui, historizando-se, uma personalidade que mantém o Inconsciente sob pressão, ainda que infiltrada por ele.

2) O *inconsciente encravado* pode ainda ser chamado de subconsciente, na medida em que só é mantido latente pela fina camada da consciência. Constituído de mensagens não-traduzidas, ele pode – mas sem razão – ser considerado como co-extensivo a uma parte psicótica do ser humano. Um exame mais completo nos permite aí distinguir – ao lado do que verdadeiramente sofreu um fracasso da tradução, e que seria verdadeiramente inassimilado, pré-psicótico – elementos de mensagem ainda não traduzidos, aguardando tradução, e talvez também mensagens destraduzidas à espera de uma nova tradução. Tanto quanto uma zona de estagnação, ele seria, então, uma zona de passagem, de trânsito.

3) Enfim, não encontra seu lugar no *interior do aparelho* o pseudo-inconsciente do mito-simbólico. Podemos dizê-lo implícito, mais estrutural do que propriamente coletivo. Sua *função psíquica* deve ser distinguida de seu ser e de sua gênese histórico-social. Esta função, capital para o pequeno ser humano, é de lhe fornecer precocemente uma “ajuda à tradução”, não o deixando no desamparo face à tarefa de conter, de simbolizar, de “tratar” as mensagens adultas que não cessam de atacá-lo, à tarefa de se historizar graças a elas e contra elas. □





Abstract

The Fundamental Anthropological Situation is presented as the basis of the other's enigmatic message and its translation, through the Generalized Seduction Theory. From there on, the word unconscious can correspond to three meanings: the unconscious in the freudian sense (the repressed), with imperfect residues of the message's translation; the incarnated unconscious, constituted by messages that have not been translated, corresponding to the psychotic part of the mind and the pseudo unconscious of the symbolic myth, that has no place in the interior of the psychic apparatus.

Resumen

La Situación Antropológica Fundamental es presentada como base del mensaje enigmático del otro y su traducción, por intermedio de la Teoría de la Seducción Generalizada. A partir de ese punto, la palabra inconsciente puede corresponder a tres significados: el inconsciente en el sentido freudiano (el reprimido), con restos imperfectos de traducción del mensaje; el inconsciente encarnado, constituido de mensajes no traducidos, correspondiendo a la parte psicótica de la mente y el seudo inconsciente del mito simbólico, sin lugar en el interior del aparato psíquico.

Referências

- DEJOURS, C. (2001). *Le corps d'abord*. Paris: Payot.
- FREUD, S. (1914). Recordar, repetir e elaborar. *Jornal de Psicanálise da SBPSP*, v. 27, p. 125-136, 1994. No original: Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten (1914), GW – X, p.129.
- LACAN, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LAPLANCHE, J. (1987). Le baquet: transcendance du transfert. In: *Problématiques*. Paris: U.P.F., v. 5, 197-210.
- LAPLANCHE, J. (1990) Intromission, implantation. In: *La révolution copernicienne inachevée*. Aubier, 1992 (publicado em ed. de bolso sob o título *Le primat de l'autre en psychanalyse*. Champs-Flammarion, 1997).
- LAPLANCHE, J. (1993). Court traité de l'inconscient In: *Entre séduction et inspiration, l'homme*. Paris: PUF, 1999, p.67-114; Versão Brasileira: Curto tratado do inconsciente. *Jornal de Psicanálise da SBPSP*, v. 32, 1999, p. 307-338.





Jean Laplanche

LAPLANCHE, J. (2003). Rêve et communication/Faut-il réécrire le chapitre VII de Die Traumdeutung?

In: *Le rêve dans la pratique psychanalytique*. Paris: Dunod.

LÉVI-STRAUSS, C. (1962). *La pensée sauvage*. Paris: Plon.

LÉVI-STRAUSS, C. (1985). *La potière jalouse*. Paris: Plon.

TARELHO, L.C. (1999). *Paranoïa et théorie de la séduction généralisée*. Paris: PUF.

Recebido em 01/12/2003

Aceito em 03/12/2003

Tradução de **Marcelo Marques**

Revisão técnica de **Gisha Brodacz e Luisa Maria Rizzo**

Jean Laplanche

55 rue de Varenne

75007 – Paris

© Revista de Psicanálise – SPPA

